

Tradução, análise semântica e adaptação do *Check List of Interpersonal Transactions - Revisado.*

Gleiber Couto¹ - Universidade São Francisco
 Antonius Cornelius F. M. van Hattum - English for Scientists
 Luc Marcel Adhemar Vandenberghe - Universidade Católica de Goiás
 Emerson Benfica – Universidade Vale do Rio Doce

Resumo

Esse estudo teve como objetivo propor uma versão brasileira do *CLOIT-R*. Participaram desta pesquisa um grupo de 551 estudantes, com idades entre 13 e 52 anos, 66% do sexo feminino e 34% do sexo masculino; cursando da última série do ensino fundamental até o terceiro semestre do ensino superior; 75% de escolas públicas e 25% de escolas particulares. O instrumento foi um inventário construído para mapear comportamento interpessoal, contém 96 proposições distribuídas em 16 escalas que descrevem ações típicas de interações pessoais. Foram realizadas tradução e análise de adequação semântica, em seguida os sujeitos responderam ao teste marcando as palavras e as proposições que não conseguiram compreender. Como resultados, produziu-se modificações para adaptação às formas de expressão na cultura brasileira, foram marcadas como não compreendidas 89 palavras e proposições. A versão do *CLOIT-R* apresentada pode ser considerada adaptada para a cultura brasileira, necessitando de estudos das propriedades psicométricas.

Palavras-chave: tradução, adaptação, relações interpessoais, escalas de avaliação, inventários.

Translation, semantic analysis and adaptation of
Check List of Interpersonal Transactions – Revised.

Abstract

Goal of the present study was to develop a Brazilian version of *CLOIT-R*. Research was performed with 551 persons from 13 to 52 years old, 66% female and 34% male, who were attending school at levels from last year of basic school to third semester of higher education, 25% at government and 75% at private schools. *CLOIT-R* is an instrument constructed to measure interpersonal behaviour, consisting of 96 items describing actions corresponding to dimensions in 16 categories of interpersonal behaviour. After translation and semantic analysis the subjects were asked to answer the questionnaires and note the expressions and words they didn't understand. This resulted in changes to better adapt *CLOIT-R* to the Brazilian way of expressing oneself. In total 89 words and expressions were scored as not understood. In conclusion *CLOIT-R* can be considered adapted to the Brazilian culture needing studies into the psychometric characteristics.

Keywords: translation, adaptation, interpersonal relations, evaluation scales, inventory

Introdução

O estudo da personalidade tem sido um dos temas de grande interesse da psicologia ao longo de seu desenvolvimento juntamente com a percepção, inteligência, aprendizagem, dentre outros. Frequentemente os termos, interesses, desequilíbrio emocional, crenças e hábitos são reunidos como

aspectos da personalidade e a avaliação de cada uma dessas características pode ser descrita como o estudo de um aspecto da personalidade (Anastasi & Urbina, 2000).

Em muitos casos a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras é entendida como uma forma de expressão da personalidade. As pessoas usam frequentemente os termos, retraído, introvertido, extrovertido, expansivo, agressivo ou de fácil contato para descreverem aspectos da personalidade (Plutchik, 1996).

A psicologia, por sua vez, utiliza o conjunto de comportamentos de uma pessoa para descrever vários aspectos de seu funcionamento psicológico em geral, e da personalidade, em particular. A

¹ Endereço para Correspondência: Universidade São Francisco, Faculdade de Ciências Humanas, LabAPE, Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – CEP 13251-900, Itatiba-SP. Fone: (11) 85184905 ou preferencialmente, e-mail: gleibercouto@yahoo.com.br.

medida das dimensões psicológicas a partir do comportamento manifesto passa pela adequação da representação comportamental que é um dos elementos das teorias do traço latente (Pasquali, 2000).

Marston (1928, citado por Cole & Tuzinski, 2003) estudando as interações entre os indivíduos e seu ambiente, propôs que o comportamento de expressão das emoções pode ser descrito em um modelo simples de classificação. Seu modelo descreve quatro tipos de padrões de comportamento de expressão emocional que tem início na percepção que a pessoa tem de si mesma em relação ao ambiente. Os quatro tipos foram chamados de dominância, indução, submissão e complacência e foram representados em um modelo bi-dimensional, por meio de dois eixos perpendiculares, formando um plano.

A primeira dimensão descreve a percepção da pessoa com relação ao ambiente, especificamente se o ambiente é favorável ou desfavorável; a segunda dimensão descreve a percepção da pessoa sobre o poder que ela tem sobre o ambiente, mais especificamente se tem mais ou menos poder sobre o ambiente. Combinadas, essas duas dimensões descrevem os quatro tipos de padrões de comportamento ou estilos de comportamento. *Dominância*, os indivíduos percebem a si mesmos como mais fortes que o ambiente e percebem o ambiente como desfavorável; *Indução*, os indivíduos percebem a si mesmos como mais fortes que o ambiente e o ambiente como favorável; *Submissão*, os indivíduos percebem a si mesmos como mais fracos que o ambiente e o ambiente como favorável; *Complacência*, os indivíduos percebem a si mesmos como mais fracos que o ambiente e o ambiente como desfavorável (Cole & Tuzinski, 2003).

Segundo Plutchik (1996), existem pelo menos duas razões para se supor que estados emocionais e traços de personalidade comumente tratados separadamente, sejam parte do mesmo domínio, nesse caso o domínio das relações interpessoais. A primeira delas é a notável sobreposição dos termos usados na linguagem para descrever traços de personalidade ou estados emocionais. Estados emocionais são usualmente entendidos como uma sensação transitória provocada por uma situação específica, enquanto os traços de personalidade são um padrão estável de respostas para várias situações.

A segunda razão é a sua sobreposição de funções; emoções são padrões básicos adaptativos a

serviço da sobrevivência do indivíduo em particular e da espécie em geral, e podem ser identificados ao longo de todos os níveis da filogênese. Enquanto os traços de personalidade podem ser entendidos como complexizações dos estados emocionais (Plutchik, 1996).

Muitos estudos foram realizados com o intuito de investigar a possibilidade de se utilizar esse modelo bi-dimensional para explicar a expressão dos traços de personalidade e emoções. Por exemplo, Freedman, Leary, Ossorio e Coffey (1951), LaForge e Suczek (1955), Stern (1958), Shaefer (1959, 1961), citados por Plutchik (1996), em seus respectivos trabalhos descobriram que dois fatores calculados para explicar a maior parte da variância em seus dados podiam ser usados para mapear a localização das variáveis em um plano bi-dimensional e que o padrão de distribuição dessas variáveis se aproxima de um círculo.

A ordem circular das variáveis em um *circumplexo*, termo retirado do trabalho de Guttman (1954), observada nos modelos bi-dimensionais, refere-se às implicações geométricas em matrizes de correlações nas quais um grupo de correlações sistematicamente aumenta e outras diminuem. Se a amplitude das correlações ao longo da matriz passa gradualmente de altas e positivas para altas e negativas, então a análise fatorial revela uma ordem circular das variáveis em um plano bi-dimensional (Fischer, 1996).

Lorr e MacNair (1963, citados por Kiesler, Goldston & Schmidt, 1991; Plutchik, 1996) relataram o desenvolvimento de um *Circulo Interpessoal*, com quatorze setores ordenados em Sociabilidade, Afeição, Cuidado, Consentimento, Deferência, Submissão, Degradação, Inibição, Desinteresse, Desconfiança, Hostilidade, Reconhecimento, Dominância e Exibição. Eles construíram um inventário composto por uma lista de termos que descrevem várias classes de comportamento interpessoal usados por clínicos para distinguir entre pacientes e não pacientes. As correlações entre os itens do inventário e as cargas fatoriais na matriz demonstraram que quando plotadas sobre o primeiro de dois fatores revelavam uma ordem circular do agrupamento de itens. Ao longo dos anos seguintes vários estudos relataram uma ordem circunplexa nos dados provenientes de estudos sobre desordem de personalidade, Soldz, Budman, Demby e Merry, (1993), afecções psiquiátricas, Blackburn & Renwick (1996), relações familiares e psicoterapia, Lippa (1995) e

Gurteman (1996), e comportamentos sociais, Pincus e Gurtman (1998).

Um outro *Circulo Interpessoal* foi construído por Kiesler (1983), como uma taxionomia compreensiva de domínio de comportamento interpessoal bi-dimensional integrando e expandindo o conteúdo de quatro outras medidas de comportamento interpessoal de adultos. A saber, *The Interpersonal Check List*, (ICL) desenvolvido por LaForge e Suczec (1955); *The Interpersonal Behavior Inventory*, (IBI) apresentado por Lorr e MacNair (1965); *The Interpersonal Adjective Scales*, (IAS) de autoria de Wiggins (1979, 1981); e a *The Impact Message Inventory*, (IMI) desenvolvido por Kiesler, Anchin, Perkins, Chirico, Kyle e Fredeman (1985).

O Circulo Interpessoal de Kiesler contém dezesseis categorias que são rotuladas pelas letras de A a P e distribuídas ao redor da circunferência em um sentido anti-horário. Suas definições caracterizam sujeitos com tendência a apresentar padrões de comportamento como os descritos a seguir.

Dominância (A), o sujeito assume responsabilidade com as pessoas com quem está interagindo, aceita ordens e situações de rotina, aceita exemplos, instruções ou avisos das mesmas. Frequentemente tenta persuadir vigorosamente estas pessoas a seus pontos de vista ou resiste e "defende-se" de tentativas de persuasão.

Competição (B), o sujeito mantém-se firme para demonstrar seu humor às pessoas com quem está interagindo; põe seus interesses à frente, disputa ou desafia a exposição delas. Frequentemente desdenha frente ao conhecimento ou contribuição delas ou dá o seu melhor para colocar essas pessoas em condições inferiores.

Desconfiança (C), O sujeito dissimula com as pessoas com quem está interagindo ou escapa de perguntas sobre suas próprias intenções ou motivos; procura detectar ou descobrir intenções prejudiciais dessas pessoas. Frequentemente desconfia das ações úteis delas, acusa-as de um julgamento injusto sobre ele ou encontra dificuldade em perdoar qualquer mal, ofensa ou desapontamento vindo delas.

Frieza afetiva (D), o sujeito encontra dificuldade em expressar cordialidade, aceitação ou aprovação às pessoas com quem está interagindo; espera obediência aos princípios, regras ou regulamentos. Frequentemente encontra faltas no comportamento delas, avalia-as de forma insensível ou desprezível; tem pouca simpatia ou clemência a

respeito da fraqueza ou comportamento irregular delas.

Hostilidade (E), o sujeito por várias vezes quebra as regras com as pessoas com quem está interagindo, faz o que quer ou viola o espaço delas, recusa-se a cumprir ou cooperar com os apelos ou pedidos das pessoas. Frequentemente opõe-se ou dificulta as sugestões, é brusco, rude ou insolente com elas; discute, queixa-se ou ofende.

Isolamento (F), o sujeito protege sua privacidade com as pessoas com quem está interagindo; mantém-se distante, descomprometido ou insensível; ignora ou não se interessa pelas ocupações pessoais delas ou parece querer retirar-se da presença de outros para seguir suas atividades solitárias.

Inibição (G), o sujeito trabalha de forma séria, precisa e correta sobre as exposições das pessoas com quem está interagindo; comporta-se racional e reservadamente com elas. Frequentemente delimita e pesa todos os aspectos antes de decidir ou agir, minimiza expressões de sentimentos ou avaliações; evita compromissos, posições ou ações.

Insegurança (H), o sujeito tenta ser modesto ou evita ser pretensioso como as pessoas com quem está interagindo; admite prontamente suas próprias deficiências ou faltas, aceita culpa ou apologias delas. Frequentemente parece necessitado e solicita suporte ou ajuda das pessoas; permanece culpado, desesperançado ou deprimido na companhia delas.

Submissão (I), o sujeito empenha-se para evitar tomar responsabilidades com quem está interagindo e é rápido para suportar ou cumprir os direcionamentos dados. Frequentemente consente que os desejos e preferências dessas pessoas sejam feitos, concorda com suas opiniões; volta atrás quando questionado ou desafiado, hesita em adotar qualquer oposição, atitude ou posição.

Deferência (J), o sujeito tenta "aceitar" as pessoas com quem está interagindo com normalidade ou satisfação, faz apenas aquilo que foi pedido, é hesitante em tomar iniciativas para com essas pessoas. Frequentemente é rápido em observar e seguir as orientações, ou fala favoravelmente, dá crédito ou faz comentários entusiásticos a respeito delas.

Confiança (K), o sujeito é cômico e honesto sobre suas intenções ou motivos; confia nas reclamações das pessoas com quem está interagindo sobre suas próprias intenções e motivos. Frequentemente acredita no que os outros dizem e

encontra-se desprotegido, simpatiza e perdoa qualquer transtorno ou ação das pessoas que possam prejudicar.

Calor afetivo (L), o sujeito é rápido em expressar cordialidade, aprovação ou aceitação para com as pessoas com quem está interagindo e é gentil e compreensivo com os sentimentos delas. Frequentemente é indulgente em julgar cumprimentos, princípios, regras e regulamentos das pessoas; aponta força e princípios, é compassível ou não opina.

Amigabilidade (M), o sujeito é rápido em cooperar ou assistir as pessoas com quem está interagindo, faz sua parte, é cortês, atencioso ou diplomático; é paciente e complacente, respeita os direitos dessas pessoas e evita qualquer ofensa; encoraja, ajuda ou as conforta.

Sociabilidade (N), o sujeito tenta ser atento e susceptível as pessoas com quem está interagindo, pergunta e interessa-se sobre ocupações pessoais, expressa satisfação e alegria em sua presença. Frequentemente parece querer iniciar um novo contato e incluí-las em atividades.

Exibicionismo (O), o sujeito é despreocupado e espontaneamente expressivo com as pessoas com quem está interagindo, fala ou faz pequenas premeditações, fala facilmente com essas pessoas. Frequentemente expressa ou age de forma exageradamente emocional, enfeita os fatos e faz comentários surpreendentes, tenta tornar agradável ou excitante as relações.

Segurança (P), o sujeito tenta firmemente tranquilizar-se e confiar nas pessoas com quem está interagindo, faz comentários de forma assegurada, evita mostrar-se culpado. Frequentemente comporta-se formalmente, empenha-se em confiar em seus próprios recursos para tomar decisões enfrentando suas dificuldades ou problemas, expressa prazer em si mesmo, faz menção de seus méritos ou sucessos.

Foram construídos em 1984 os *Cheek List of Interpersonal Transactions* (CLOIT) e os *Check List of Psycoterapy Transactions* (CLOPT) para mapear o comportamento interpessoal de *pessoas alvo* sobre as dimensões correspondentes as dezesseis categorias do *Círculo Interpessoal*. Estes são inventários construídos racionalmente em contraposição à construção empírica e possuem um conjunto de itens com conteúdo idêntico. Os itens do CLOPT foram derivados sistematicamente da taxionomia do *Círculo* para caracterizar o comportamento de oito pacientes e terapeutas em um contexto de psicoterapia individual por meio da

observação direta. Os itens do CLOPT foram transcritos e adaptados para compor o CLOIT como uma forma de caracterizar comportamentos interpessoais em interações diádicas, como percebidas e classificadas por cada membro da díade (Kiesler, Goldston & Schmidt, 1991).

Os inventários foram revisados em 1987 e são apresentados em cinco formas, três para o CLOIT-R e duas para o CLOPT-R. O CLOIT-R existe na forma de *auto-classificação* na qual o sujeito descreve seu próprio comportamento típico quando está com outras pessoas; forma do *transator*, essa versão é usada na situação em que uma pessoa responde sobre o comportamento de outra com quem ela se relacionou, a chamada *pessoa alvo*; forma do *observador*, essa versão é usada por observadores externos que classificam o comportamento da pessoa alvo depois de observações ao vivo ou apresentadas em vídeo. O CLOPT-R, apresentado em duas versões para observar e classificar amostras de comportamento em sessões de psicoterapia ao vivo ou gravadas tendo o terapeuta (forma do *terapeuta*), ou o paciente (forma do *cliente*) como *pessoa alvo* (Kiesler, Goldston & Schmidt, 1991).

Os inventários do CLOIT-R se diferem dos outros nos quais foram inspirados por apresentarem itens em um formato de descrição da frequência de comportamento manifesto. Também por apresentar uma descrição da pessoa alvo por duas outras, uma que se relaciona com ela e outra que observa seus padrões de interação. Os perfis apresentados pelos resultados são avaliados como padrões típicos de comportamento interpessoal, são facilmente interpretáveis e oferecem benefício em várias situações de análise, tanto em contextos de diagnósticos e tratamento psicológico quanto em pesquisa. Os resultados podem ser considerados como uma imagem visual do *campo de força* interpessoal que uma pessoa em particular projeta sobre suas interações com outras pessoas em contextos específicos (Kiesler, Goldston & Schmidt, 1991).

Além dos escores nas 16 escalas descritas, outras escalas são sugeridas a partir da combinação dos escores. Por exemplo, o número de itens marcados pelo sujeito formam uma escala específica a *NIC* (number of items checked), cuja interpretação é uma tendência de respostas ao acaso. A *AIN* (average intensity number) é a média de intensidade de itens marcados num protocolo e pode ser interpretada como respostas subjetivas de

desejabilidade social (Kiesler, Goldston & Schmidt, 1991).

Combinando pares entre as 16 escalas podem ser formados *octantes*, que são escalas cujo objetivo é descrever padrões mais complexos de comportamentos. As combinações mais conhecidas são *PA, BC, DE, FG, HI, JK, LM, NO*. Estudos posteriores indicaram *octantes* não tradicionais como *AB, CD, EF, GH, IJ, KL, MN, OP*, que devem ser consideradas para estudo. Combinando os resultados de cinco escalas que compõe cada quarto do círculo podem ser formados os *quadrantes*, por exemplo, o quadrante hostilidade-dominância (HD); hostilidade-submissão (HS); amigabilidade-submissão (AS) e amigabilidade-dominância (AD) (Kiesler, Goldston & Schmidt 1991).

Também é recomendado calcular escores para quatro tipos de hemisférios, são eles, Dominância (DOM), Submissão (SUB), Amigabilidade (AMI), e Hostilidade (HOS). Estudos posteriores sugeriram que é importante a análise dos escores dos hemisférios, especialmente os dois últimos para complementar às observações em psicoterapia. Escores para dois eixos principais podem ser calculados, o escore no eixo vertical interpretado como *Controle* e o escore no eixo horizontal interpretado como *Afiliação* (Kiesler, Goldston & Schmidt, 1991).

Pesquisas sobre a tradução de inventários têm sido realizadas no Brasil com objetivo de preencher lacunas existentes sobre instrumentos de avaliação para demandas específicas. Por exemplo, Reichenheima, Moraes e Hasselmannb (2000), estudaram a equivalência semântica da versão em português da escala *Abuse Assessment Screen*, utilizando no método os seguintes passos, tradução, retradução (*Back Translation*), apreciação formal da equivalência e crítica de especialistas. Na fase de tradução foram realizadas duas versões por pessoas diferentes e comparadas posteriormente na terceira etapa. Os pesquisadores consideraram a versão traduzida do instrumento como adaptada à população brasileira, recomendando que seu uso depende de estudos posteriores para verificação das propriedades psicométricas, e também recomendam a inclusão de uma etapa no processo de avaliação na qual se faça uma interlocução com a população alvo.

Berger, Mendlowicz, Souza e Figueira (2004), estudaram a equivalência semântica da *Post-Traumatic Stress Disorder Checklist – Civilian Version* (PCL-C), tendo seguido os passos

de tradução, retradução (*Back Translation*), apreciação da equivalência e, nesse caso, o estudo incluiu a interlocução com a população alvo ao invés da crítica por especialistas. Para a fase de tradução foram feitas duas versões da escala que posteriormente foram retraduzidas por profissionais qualificados, não ligados ao grupo de pesquisa que realizou a tradução. As versões foram comparadas na fase de equivalência e selecionados os melhores itens para uma versão final. Em seguida, a versão final foi apresentada a uma amostra de conveniência composta por 21 sujeitos da população alvo que fizeram sugestões. Ao final a escala foi considerada adaptada à população brasileira e foi ressaltado que seu uso depende de estudos posteriores das qualidades psicométricas.

Shansis, Berlim, Mattevi, Maldonado, Izquierdo, Fleck (2003) desenvolveram uma versão em português da *Clinician-Administered Rating Scale for Mania (CARS-M)*, sendo que o método utilizado nesse estudo consistiu na tradução pelo grupo de pesquisadores brasileiros, na *Back Translation* e na discussão com o autor original sobre as discrepâncias encontradas. Como resultado desse estudo foi proposta a *Escala Administrada pelo Clínico para Avaliação de Mania (EACA-M)* e recomendaram-se estudos posteriores para verificar se as propriedades psicométricas encontradas no original se mantêm na versão em português. Ainda nesse sentido, Pedroso, Oliveira, Araújo, Moraes (2004) estudaram a tradução, equivalência semântica e adaptação cultural do *Marijuana Expectancy Questionnaire (MEQ)*. Nesse estudo foi realizada a tradução, aplicada em dez sujeitos e em seguida realizado *brainstorming* num grupo de quatro sujeitos para reprodução item a item. Posteriormente, efetuou-se a retradução e a análise semântica pelo grupo de especialistas. Os resultados apontaram para uma versão considerada adaptada com as recomendações de estudos psicométricos.

Várias outras investigações foram realizadas utilizando diferentes métodos, por exemplo, Rosa e Marcolin (2000) relataram a tradução e adaptação da *Escala de Influências Medicamentosas (ROMI)*, como instrumento para avaliar a aderência ao tratamento. Romano e Helkis (1996) relataram a tradução e adaptação de um instrumento de avaliação psicopatológica das psicoses, a *Escala Breve de Avaliação Psiquiátrica-Versão Ancorada (BPRS-A)*. Lessa (1986) estudou a tradução e adaptação do *Sistema Alemão de*

Documentação e Metodologia Psiquiátrica (AMDP).

Tendo em vista a gama de estudos de tradução e adaptação de instrumentos para a população brasileira, podemos considerar que essa é uma prática reconhecida pela comunidade científica. Verificando a escassez de instrumentos que medem padrões de comportamento interpessoal com as características propostas pelo *CLOIT-R*, o presente estudo teve como objetivo propor uma versão brasileira da forma de *auto classificação* e verificar se a escolha de sinônimos para a versão traduzida é adequada para descrever padrões de comportamento característicos de tipos de relações interpessoais como os propostos pelo original. E ainda, teve a intenção de verificar se a versão traduzida apresenta descrições usando vocábulos compreensíveis pela população brasileira.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa um grupo de 551 estudantes da região metropolitana de Belo Horizonte e região leste do estado de Minas Gerais, com idades variando entre 13 e 52 anos ($M=17,8$ e $DP=4,7$), sendo que oito pessoas não informaram sua idade. A amostra era composta por 66% de sujeitos do sexo feminino ($F=366$) e 34% de sujeitos do sexo masculino ($F=185$). Na data de aplicação 97% dos sujeitos eram solteiros ($F=534$) e 3% casados ($F=17$). Quanto à escolaridade 15% estavam cursando a última série do ensino fundamental ($F=85$), 23% estavam cursando a primeira série do ensino médio ($F=126$), 25% estavam cursando a segunda série do ensino médio ($F=137$), 26% estavam cursando a terceira série do ensino médio (141) e 11% estavam cursando o segundo e terceiro semestre do ensino superior ($F=62$). Com relação ao tipo de instituição 75% estudavam em escolas públicas ($F=411$) e 25% estudavam em escolas particulares ($F=140$).

Instrumentos

Check List of Interpersonal Transactions – Revised (CLOIT-R), trata-se de um inventário construído com a finalidade de mapear o comportamento interpessoal de *pessoas alvo*. É apresentado em três formas, de *auto classificação*, do *transator* e do *observador* e cada uma delas deve

ser respondida respectivamente, pela *pessoa alvo*, por uma pessoa que interage com ela, também chamada de *transator*, e por um observador que presencia as interações da *pessoa alvo*.

Cada inventário contém 96 proposições que descrevem ações que podem ocorrer em interações entre pessoas, as proposições são as mesmas em cada forma, ou seja, apresentam as mesmas ações características de interações interpessoais mudando apenas os pronomes de acordo com a forma. Na forma de *auto classificação* todas as proposições são iniciadas com a partícula *Enquanto com outros...* que fica centralizada no início de cada página, os sujeitos são solicitados a ler as proposições e marcar aquelas que descrevem os tipos de interações mais característicos de sua conduta.

As proposições estão divididas nas 16 escalas bi-dimensionais, a saber, *Dominância* (A), *Competição* (B), *Desconfiança* (C), *Frieza Afetiva* (D), *Hostilidade* (E), *Isolamento* (F), *Inibição* (G), *Insegurança* (H), *Submissão* (I), *Deferência* (J), *Confiança* (K), *Calor Afetivo* (L), *Amigabilidade* (M), *Sociabilidade* (N), *Exibicionismo* (O), *Segurança* (P). Cada uma delas contém 6 proposições que descrevem relações em dois níveis de intensidade, três proposições de intensidade moderada, as quais uma marca corresponde a um ponto, e três em um nível de extrema intensidade para as quais uma marca recebe dois pontos. O resultado bruto é obtido somando-se os pontos, 1 ou 2 dependendo do nível de intensidade da proposição, para cada resposta registrada pelo sujeito na folha de respostas. Cada escala pode receber um escore bruto que varia entre 0 e 9 pontos.

Procedimentos

Primeiro foi realizado uma tradução da forma de *auto classificação* do inventário pelos pesquisadores que em seguida analisaram a versão quanto à adequação semântica da escolha de sinônimos em língua portuguesa. Em seguida o piloto foi lido por dois pesquisadores de áreas diferentes da psicologia que não tinham conhecimento do instrumento e por um professor do curso de engenharia que fizeram sugestões. Depois o piloto foi corrigido por uma professora de português que também não tinha conhecimento do instrumento e oferecido para leitura para dez alunos de graduação, após o que se chegou a versão final.

Em seguida, nas escolas escolhidas os alunos foram convidados a participar da pesquisa. Aqueles que concordaram em participar assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e foram orientados a responder ao teste. Ao responderem as proposições deveriam escrever no verso da folha de respostas, quais as palavras que por ventura desconhecessem o significado, quais as proposições não conseguissem compreender e ainda fazer quaisquer observações sobre os elementos que dificultaram sua compreensão das proposições.

Resultados

Durante a análise semântica das proposições algumas delas necessitaram de modificações para melhor adaptação às diferenças nas formas de expressão entre a cultura dos EUA e a cultura brasileira e manter as características que definem os comportamentos típicos avaliados em cada escala. Na versão traduzida foi suprimido o pronome pessoal *Eu* que no original aparece no início de cada frase e foram acrescentadas reticências para ilustrar que cada frase começava com a partícula no início da página, *Enquanto com outros...* .

Na escala *Insegurança* (H), a tradução literal encontrou dificuldades para preservar os dois níveis de intensidade que são propostos no original. As proposições, 30 ... *sou hesitante e tímido ao expressar minhas opiniões ou eu me comporto de maneira insegura, com falta de confiança ou me sinto desconfortável* e 94 ... *estou constantemente insatisfeito comigo mesmo, me sinto culpado ou deprimido ou me sinto sem esperança sobre o futuro*, que em português expressam um aumento de intensidade na descrição de um tipo de comportamento de uma para a outra, aparecem juntas no nível de extrema intensidade da escala ambas recebendo 2 pontos. Por outro lado, as proposições 46 ... *facilmente peço ajuda ou conselhos.* e 78 ... *indispensavelmente solicito os seus conselhos, sua ajuda ou os consulto até para problemas e dificuldades do dia-a-dia* que também descrevem aumento de intensidade, aparecem juntas no nível de intensidade moderada da escala, ambas recebendo 1 ponto.

As proposições nas quais foi realizada uma adequação da tradução que as distanciavam do original estão listadas a seguir com as respectivas mudanças logo depois da proposição tal como aparece na versão original. Na proposição 6 *I Express pleasure in myself; or I comment on my*

own accomplishments, awards, or successes, foi usado o termo *méritos* e não *prêmios* para traduzir *awards*, que pode ter o significado de mérito, reconhecimento ou distinção; neste contexto, *prêmio* não seria uma tradução adequada. Como resultado a proposição ficou, ...*demonstro que me sinto bem comigo mesmo ou comento sobre minhas realizações, méritos ou sucessos.*

Na proposição 24 *I refrain at all costs from close visual or physical contact or direct body orientation with them* foi retirada a expressão *direct body orientation with them*, *orientação corporal direta com eles*, pois na população brasileira esse aspecto da comunicação não verbal não tem a mesma intensidade que na cultura dos EUA, resultando em ... *evito a todo custo contato visual ou físico com eles.* Na proposição 27 *I make startling or 'loaded' comments; or I take liberties with facts to embellish stories* foi usada a expressão *modifico* no lugar de *tomo liberdade com os fatos* que seria a tradução literal, porque resulta em uma frase de mesmo impacto que a frase original em inglês e é uma expressão mais coloquial, resultando em ... *faço comentários espantosos ou carregados ou modifico os fatos para embelezar histórias.*

No item 44 *I question or express reservation or disagreement about the focus or direction of the conversation or course of action* foi acrescentada a partícula *dados por eles* para deixar claro a discordância entre a pessoa alvo e as pessoas com quem ela mantém uma interação e melhorar a compreensão da oração, ... *questiono ou fico com o 'pé atrás' a respeito da direção da discussão ou da ação dado por eles.* Na frase 49 *I state preferences, opinions, or positions in a dogmatic or unyielding manner* foi acrescentado o pronome pessoal *minhas* e também em lugar da tradução literal *sem ceder* ou foi usada a expressão *não deixar alternativas*, para amenizar a expressão, pois dificilmente as pessoas admitem inflexibilidade nesse nível, ... *afirmo minhas preferências, opiniões ou posições de maneira dogmática e sem deixar alternativas.*

Na proposição 53 *I seem always to agree with or accommodate them; or I seem impossible to rile* a expressão *I seem always to agree* não demonstra dúvida, mas reflete a idéia de que se torna impossível dizer com certeza absoluta que sempre concordo, portanto foi traduzida com a expressão *Sinto que sempre concordo* para descrever uma impressão pessoal do respondente ... *sinto que sempre concordo com ou deixo eles 'a vontade' ou sinto que não consigo me irritar.* No item 54 *I brag about achievements, successes, or*

good-fortune; or I 'put on airs' as if in complete control of my life o termo *to brag* foi traduzido como *exagero* em lugar de *ostentar* ou *esnobar*, pois no contexto é uma tradução mais adequada e também com o intuito de amenizar a expressão, ... *exagero as minhas realizações sucessos ou boa sorte ou ando 'com ar' de que tenho controle total sobre minha vida.*

Na frase 63 *I Express unbending sympathy, understanding, or forgiveness for their hurtful or injurious actions* a expressão *hurtful or injurious actions* foi traduzida como *ações prejudiciais ou que causam dor ou sofrimento* com o objetivo de ter expressões usadas com maior frequência na cultura brasileira, ... *expresso simpatia, compreensão ou perdão, para com as suas ações prejudiciais ou que causam dor ou sofrimento.* Na proposição 81 *I overwhelm or 'steamroll' them by my arguments, positions, preferences, or actions* a expressão *overwhelm or 'steamroll'* foi traduzida como *passo por cima deles* para refletir a essência da proposição em português e o termo *positions* por *ponto de vista* porque esses termos também são comumente usados no contexto descrito pela frase, ... *passo por cima deles com meus argumentos meus pontos de vista, preferências ou ações.* No item 83 *I endlessly avoid or delay clear answer, decisions, actions, or commitment to positions* foi usado o termo *posicionar-me* em lugar de *comprometer-me a uma posição* que seria a tradução literal, por ser um termo mais freqüentemente usado na forma de expressão em português, ... *evito ou adio constantemente dar respostas claras, tomar decisões, agir ou posicionar-me .*

Ao proceder a análise dos dados pôde-se observar que foram marcadas como não compreendidas 89 palavras da tradução. Dessas, 24 foram marcadas por menos de 1% da amostra, e outras 57 por um número menor que 10%, a partir dessa observação foram selecionadas aquelas que não haviam sido compreendidas por pelo menos 10% da amostra, o que resultou em apenas oito palavras que estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Palavras Desconhecidas

	Freqüência	%	Total
Ambíguos	105	19,1	551
Antagonista	148	26,9	551
Perscrutadora	123	22,3	551
Dogmática	189	34,3	551
Postergo	100	18,1	551
Compelido	70	12,7	551
Perscrutando	147	26,7	551
Efusivo	58	10,5	551

Em seguida as freqüências das palavras marcadas como não compreendidas foram analisadas em grupos divididos por série escolar, foi possível observar que por um lado a única palavra que diminuiu de freqüência em relação a um aumento da série escolar foi a palavra *ambíguos*, por outro lado a palavra *postergo* aumentava de freqüência em relação ao aumento da série escolar, sendo que as demais mantiveram freqüências relativamente equilibradas ao longo das séries, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2. Palavras Desconhecidas por Escolaridade

	8		1		2		3		Sup						
	%	freq. Total	%	freq. Total	%	freq. Total	%	freq. Total	%	freq. Total					
Ambíguos	35,3	30	85	25,4	32	126	19	26	137	12,1	17	141	0	0	62
Antagonista	29	34,1	85	25,4	32	126	32,1	44	137	27	38	141	8,1	5	62
Perscrutadora	24,7	21	85	21,4	27	126	22,6	31	137	25,5	36	141	12,9	8	62
Dogmática	36,5	31	85	34,9	44	126	41,6	57	137	39,7	56	141	1,6	1	62
Postergo	10,6	9	85	12,7	16	126	20,4	28	137	20,6	29	141	29	18	62
Compelido	4,7	4	85	15,1	19	126	15,3	21	137	12,8	18	141	12,9	8	62
Perscrutando	20	17	85	27,8	35	126	25,5	35	137	27,7	39	141	33,9	21	62
Efusivo	8,2	7	85	11,9	15	126	9,5	13	137	10,6	15	141	12,9	8	62

A análise realizada com relação ao tipo de instituição, levou em conta a exclusão dos alunos que estão cursando os primeiros semestres do curso

superior (todos oriundos de instituições particulares) com vistas a equiparar as duas amostras. Pôde-se observar nos resultados

apresentados na Tabela 3 que os alunos de escolas públicas relataram desconhecer essas palavras numa proporção maior que os alunos das escolas

particulares, com exceção das palavras *postergo*, *perscrutando* e *efusivo* nas quais existe uma inversão.

Tabela 3. Palavras Desconhecidas por Instituição

	Instituição	Frequência	%	Total
Ambíguos	Pública	111	24,6	411
	Particular	4	5,1	79
Antagonista	Pública	136	33,1	411
	Particular	7	8,9	79
Perscrutadora	Pública	104	25,3	411
	Particular	12	15,2	79
Dogmática	Pública	170	41,4	411
	Particular	18	22,8	79
Postergo	Pública	66	16,1	411
	Particular	16	20,3	79
Compelido	Pública	53	12,9	411
	Particular	9	11,4	79
Perscrutando	Pública	102	24,8	411
	Particular	24	30,4	79
Efusivo	Pública	40	9,7	411
	Particular	10	12,7	79

A tabela 4 mostra a relação entre frequência de palavras marcadas como desconhecida e região demográfica, sendo que três palavras foram marcadas mais frequentemente na região leste de

Minas enquanto que quatro palavras diferentes foram apontadas na região metropolitana de Belo Horizonte e a palavra *efusivo* apresentou frequência semelhante nas duas regiões.

Tabela 4. Frequência de Palavras por Região Demográfica

	Leste - MG			Metrop. BH		
	Frequência	%	Total	Frequência	%	Total
Ambíguos	67	24,6	272	38	13,4	279
Antagonista	81	29,8	272	67	24	279
Perscrutadora	58	21,3	272	65	23,3	279
Dogmática	82	30,1	272	107	38,4	279
Postergo	50	18,4	272	50	17,9	279
Compelido	30	11	272	40	14,3	279
Perscrutando	71	26,1	272	76	27,2	279
Efusivo	28	10,3	272	30	10,8	279

Ao se analisar as proposições que foram marcadas como não compreendidas os resultados apontaram 89 delas, sendo que dessas, 11 foram marcadas por menos de 1% da amostra, 73 por

menos que 5%. Sendo assim, selecionou-se para análise aquelas não compreendidas por pelo menos 5% da amostra o que resultou em apenas cinco proposições que estão apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5. Itens não Compreendidos

Itens	Frequência	%	Total
I - 15	29	5,3	551
I - 19	37	6,7	551
I - 29	73	13,2	551
I - 49	45	8,2	551
I - 95	32	5,8	551

Avaliados em relação à série escolar os resultados parecem indicar que o aumento da escolaridade não diminuiu a frequência de proposições não compreendidas. Dos itens marcados com frequência maior que 10%, a proposição 19 apresentou maior frequência entre os alunos da oitava série, as proposições 29 e 49 entre

os alunos da primeira série, as proposições 15 e 95 entre os alunos da segunda série. A proposição 29 foi marcada como não compreendida por mais de 10% em todos os grupos com exceção do grupo de alunos do curso superior que apresentaram a menor frequência em todas as proposições, (Tabela 6).

Tabela 6. Itens não Compreendidos por Escolaridade

	8			1			2			3			E.S.		
	%	freq.	Total	%	freq.	Total	%	freq.	Total	%	freq.	Total	%	freq.	Total
I - 15	2,4	2	85	7,9	10	126	10,2	14	137	2,1	3	141	0	0	62
I - 19	12,9	11	85	5,6	7	126	5,1	7	137	8,5	12	141	0	0	62
I - 29	16,5	14	85	18,3	23	126	13,9	19	137	10,7	15	141	3,2	2	62
I - 49	9,4	8	85	11,9	15	126	8,8	12	137	7,1	10	141	0	0	62
I - 95	7,1	6	85	4,8	6	126	8	11	137	5	7	141	3,2	2	62

Para a análise dos grupos divididos por tipo de instituição foram excluídos os alunos que cursavam o ensino superior por não se possuir dados desse grupo para os dois tipos de instituição. Conforme os

resultados apresentados na Tabela 7 pôde-se observar que a maior proporção de sujeitos que relatou não compreender essas proposições são provenientes de escolas públicas.

Tabela 7. Itens não Compreendidos por Instituição

Itens	Instituição	Frequência	%	Total
I - 19	Pública	36	8,8	411
	Particular	1	0,3	79
I - 29	Pública	68	16,5	411
	Particular	3	3,8	79
I - 34	Pública	21	5,1	411
	Particular	2	2,5	79
I - 49	Pública	44	10,7	411
	Particular	1	1,3	79
I - 95	Pública	28	6,8	411
	Particular	2	2,5	79

Em relação aos grupos divididos por região demográfica observou-se nos resultados apresentados na Tabela 8 que os alunos da região

metropolitana de Belo Horizonte relataram não compreender essas proposições numa frequência menor que os alunos da região leste do estado.

Tabela 8. Frequência de Itens por Região Demográfica

	Leste - MG			Metrop. BH		
	Frequência	%	Total	Frequência	%	Total
I - 15	17	6,3	272	12	4,3	279
I - 19	24	8,8	272	13	4,7	279
I - 29	39	14,3	272	34	12,2	279
I - 49	24	8,8	272	21	7,5	279
I - 95	17	6,3	272	15	5,4	279

Em seguida foram analisadas também as proposições de menor frequência de escolha, ou seja, entre aquelas marcadas conforme as instruções do teste foram respondidas como uma descrição do comportamento característico do sujeito por no máximo 15% da amostra. Como podem ser

observadas na Tabela 9, 11 proposições obtiveram uma frequência inferior a 15%. Comparando essas proposições com aquelas que foram marcadas como não compreendidas pelos sujeitos apenas a proposição 29, apontada como não compreendida, aparece entre as de menor frequência de escolha.

Tabela 9. Itens Menos Frequentes

Itens	Frequência	%	Total
I - 13	60	10,9	551
I - 29	78	14,2	551
I - 55	70	12,7	551
I - 62	71	12,9	551
I - 66	79	14,3	551
I - 77	64	11,6	551
I - 81	63	11,4	551
I - 82	69	12,5	551
I - 87	75	13,6	551
I - 92	62	11,3	551
I - 93	51	9,3	551

Conclusão

Ao proceder a análise das proposições que compõem as escalas, na *Escala Insegurança* (H) observou-se uma dificuldade em identificar na versão traduzida os níveis de intensidade propostos originalmente, principalmente nos pares 30, 94 e 46, 78. Na versão brasileira recomenda-se uma pontuação diferente do original para corrigir os pesos com vistas a manter a relação de intensidade inalterada.

Algumas proposições apresentam semelhanças, com relação às ações descritas pelos verbos, com proposições de outras escalas fazendo com que fiquem muito parecidas. Por exemplo, a

proposição 9 da *Escala Submissão* (I) é muito semelhante a 4 da *Escala Deferência* (J), o que deve interferir na discriminação dos padrões de relações que são descritos por cada uma delas. Na versão brasileira foi efetuada uma modificação de modo a atender as diferenças na expressão do comportamento típico entre as culturas dos EUA e Brasil, contemplado por cada uma das escalas.

Os resultados sugerem que, por um lado a escolaridade dos sujeitos não melhora ou melhora pouco a compreensão das proposições. Por outro lado, o tipo de instituição de origem dos alunos (pública, particular) parece influenciar na melhor compreensão das proposições, alunos de escolas públicas relatam maiores dúvidas que seus colegas

das escolas particulares. Com relação à região demográfica palavras diferentes foram marcadas como desconhecidas o que pode ser considerado como preferências regionais de escolha ou uso de palavras.

Os resultados indicam que o teste pode ser aplicado em pessoas com grau de conhecimento lingüístico compatível ao de alunos a partir da última série do ensino fundamental. E, em se tratando de pessoas cuja instrução foi proveniente de escolas particulares, existe a probabilidade de apresentarem melhor compreensão das proposições.

Ainda no que respeita ao tema, a diferença observada na compreensão dos itens pelos alunos de escolas públicas em relação aos alunos de escolas particulares é de pouca expressão, como se pode observar pela pequena quantidade de proposições marcadas como não compreendidas em todos os casos. Além disso, deve se considerar que essa diferença foi verificada em estudantes e não se pode dizer que posteriormente, após algum afastamento das atividades escolares essa diferença se mantém.

Ao final da análise dos dados pode-se verificar que a escolha de sinônimos usada para a tradução dos itens do *CLOIT - R* no geral é adequada no que diz respeito à sua compreensão pela população brasileira. Nos 96 itens apenas 57 palavras e locuções foram relatadas como desconhecidas por uma fração maior de 10% da amostra e somente 5 dos 96 itens foram apontados como não compreendidos por uma fração maior de 5% da amostra. Isso resultou na necessidade de uma melhor adaptação de um número pequeno dos itens.

Portanto, a forma do *CLOIT - R* apresentada como resultado desse estudo pode ser considerada adaptada para a cultura brasileira e suficientemente compreensível por pessoas que tenham conhecimento lingüístico equivalente a estudantes da última série do ensino fundamental. Estudos posteriores das propriedades psicométricas do inventário são necessários para se conhecer suas possibilidades interpretativas e adequação ou relevância para uso no Brasil.

Referências

Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
 Berger, W., Mendlowicz, M. V., Souza, W. F., & Figueira, I. (2004). Equivalência Semântica da Versão em Português da Post-Traumatic Stress Disorder Checklist - Civilian Version

(PCL-C) para Rastreamento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(2), 167-175.
 Blackburn, R., & Renwick, S. J. (1996). Rating scales for measuring the interpersonal circle in forensic psychiatric patients. *Psychological Assessment*, 8(1), 76-84.
 Cole, P., & Tuzinski, K. (2003). *Disc In Depth Relationship Assessment Research Report*. U.S.: Inscape Publishing, inc. Retirado em 02/07/2005 do www.inscapepublishing.com
 Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
 Fisher, G. A. (1996). Theoretical and Methodological Elaborations of the Circumplex Models of Personality Traits and Emotions. Em: R. Plutchic, H. R. Conte (Orgs.), *Circumplex Models of Personality and Emotions* (pp.245-269). Hardcover.
 Gurteman, M. B. (1996). Interpersonal Problems and the Psychotherapy Context: The Construct Validity of the Inventory of Interpersonal Problems. *Psychological Assessment*, 8(3), 241-25.
 Guttman, L. (1954). A new approach to factor analysis: The radex. Em: P. F. Lazarsfeld (Ed.), *Mathematical thinking in the social sciences* (pp. 258-348). Glencoe, IL: Free Press.
 Kiesler, D. J. (1983). The 1982 Interpersonal Circle: a taxonomy for complementarity in human transactions. *Psychological Review*, 90, 185-214.
 Kiesler, D. J., Goldston, C. S., & Schmidt, J. A. (1991). *Manual for Check List of Interpersonal Transactions - Revised and Check List of Psychotherapy Transactions - Revised*. Virginia Commonwealth University.
 Lessa, L. M. (1986). Tradução e Adaptação de uma Escala de Avaliação em Meio Brasileiro, a Propósito do AMDP (Sistema Alemão de Documentação e Metodologia Psiquiátrica). *Revista ABP - APAL*, 8, 74-82.
 Lippa, R. (1995). Gender-Related Individual Differences and Psychological Adjustment in Terms of the Big Five and Circumplex Models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(6), 1184-1202.
 Muñiz, J. (1994). *Teoría Clássica de los Tests*. Madrid: Ediciones Pirâmides, S. A.

- Pasquali, L. (1998). Princípios de Elaboração de Escalas Psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25, 206-213.
- Pasquali, L. (2000). *Psicometria: Teoria dos Testes Psicológicos*. Brasília: LabPAM.
- Pedroso, R. S., Oliveira, M. S., Araújo, R. B., & Moraes, J. F. D. (2004). Tradução, Equivalência Semântica e Adaptação Cultural do Marijuana Expectancy Questionnaire (MEQ). *Psico-USF*, 9(2), 129-136.
- Pincus, A. L., & Gurtman, M. B. (1998). Structural Analysis of Social Behavior (SASB): Circumplex Analyses and Structural Relations With the Interpersonal Circle and the Five-Factor Model of Personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1629-1645.
- Plutchic, R. (1996). The Circumplex as a General Model of the Structure of Emotions and Personality. Em: R. Plutchic, H. R. Conte (Orgs.), *Circumplex Models of Personality and Emotions* (pp.17-45). Hardcover.
- Reichenheima, M. E., Moraes, C. L., & Hasselmann, M. H. (2000). Equivalência Semântica da Versão em Português do Instrumento Abuse Assessment Screen para Rastrear a Violência Contra a Mulher Grávida. *Revista de Saúde Pública*, 34(6), 610-618.
- Rosa, M. A., & Marcolin, M. A. (2000). Tradução e Adaptação da Escala de Influências Medicamentosas (ROMI): um instrumento para avaliar a aderência ao tratamento. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 10-12(49), 405-412.
- Romano, F., & Helkis, H. (1996). Tradução e Adaptação de um Instrumento de Avaliação Psicopatológica das Psicoses: a escala breve de avaliação psiquiátrica- versão ancorada. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 1(45), 43-49.
- Shansis, F., Berlim, M. T., Mattevi, B., Maldonado, G., Izquierdo, I., & Fleck, M. (2003). Desenvolvimento da Versão em Português da Escala Administrada pelo Clínico para Avaliação de Mania (EACA-M): Escala de Mania de Altman. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(3), 412-424.
- Soldz, S., Budman, S., Demby, A., & Merry, J. (1993). Representation of Personality Disorders in Circumplex and Five-Factor Space: Explorations With a Clinical Sample. *Psychological Assessment*, 5(1), 41-52.

Recebido em Junho de 2005

Reformulado em Outubro de 2005

Aceito em Novembro de 2005

Sobre os autores:

Gleiber Couto: Psicólogo, Doutorando do Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco. Bolsista CAPES vinculado ao Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional - LabAPE.

Antonius Cornelius F. M. van Hattum: Biólogo, Mestre em Neurobiologia e Etologia Humana pela Universiteit van Amsterdam – UvA - Amsterdam, Países Baixos. Professor do English for Scientists / EnfoS – Belo Horizonte, MG.

Luc Marcel Adhemar Vandenberghe: Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Université de L'Etat a Liege – UL – Liege, Bélgica. Professor associado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás / UCG – Goiânia, GO.

Emerson Benfica: Acadêmico do último ano do curso de psicologia, realizando seu trabalho de conclusão de curso no Núcleo AC – PC / UNIVALE – Governador Valadares/MG.